

Auto da Revisitação

de

Pedro Eiras

e

Jorge Louraço Figueira



Janeiro/Outubro 2002

ESTRETA - SALÃO NOBRE T. SÃO JOÃO - PORTO

Sobre Auto da Re-Visitação

de Pedro Eiras e Jorge Loureiro Figueira

Leitor: aceitemos o repto que uma determinada linguagem, a vicentina, nos coloca: o que fazer deste legado, como tratar um imaginário, imaginário linguístico antes de mais, mas também medieval, também político, também literário? Partimos de um princípio: para que haja *Revisitação*, a linguagem e o imaginário vicentinos devem estar, de algum modo, inacabados, à espera de ressurreição, versão, glosa, eco, e todos somos convidados a responder-lhe. O texto vicentino deve ser, ainda, sempre, revisitável, habitável por nós que vivemos mais quinhentos anos. Revisitar um texto não é penetrar nele como se fizéssemos tábua rasa dos séculos e entrássemos em pleno paço para assistir à *première* do monólogo do Vaqueiro. Não. Entraremos no texto impuros, isto é, carregados de visões, vicentinas e outras, com que nos fadaram.

O que seria uma peça de teatro *sobre* Gil Vicente?

Uma contradição nos próprios termos? Um perigo? Uma colisão a evitar custe o que custar? Um desejo irrecusável?

Temos o texto vicentino e temos a nossa vontade de o revisitar. Há, digamos assim, duas possibilidades: ou nos aproximamos demais de Gil Vicente, e nos fundimos nele, e nos perdemos (e há nisso, evidentemente, um gozo de perdição), ou, por outro lado, nos afastamos demais, e o perdemos de vista, e o substituímos por um discurso contemporâneo (e há também, evidentemente, outro tipo de gozo nessa perda). E há ambas as possibilidades juntas. E vice-versa. Os perigos espreitam de todos os lados, de cada vez que dialogamos com um texto que, além de tudo, não se deixa reduzir a definições ou classificações apressadas. Numa palavra: não sabemos (e saberemos alguma vez?) o que é este texto, como é que ele se insinua já dentro da nossa própria língua e de tudo o que escrevemos. Como delimitar Gil Vicente? Como surpreender Gil Vicente?

Todos nós estudámos Gil Vicente. Todos nós, de muitos modos, o sonhámos. Gil Vicente não é sequer apenas um texto, um texto vivo, mas uma cosmovisão, um discurso, uma possibilidade de reconhecermos idiossincrasias sociais ou nacionais. Poderíamos mesmo afirmar, com Foucault, que Gil Vicente é um instaurador de discursividade, e nesse sentido existe Gil Vicente muito para além da *Copilaçam de Todas as Obras*. Esse Gil Vicente plural e dificilmente definível será também revisitado? Todo ele? Onde? Como? E não haverá Gil Vicente já no próprio modo como falamos? e como vemos o teatro? Não serão todas as peças de teatro em Portugal revisitações de Gil Vicente? Poderíamos, se alguma vez o quiséssemos, “não escrever Gil Vicente”?

Se o *Auto da Revisitação* for promessa e experiência, não deverá ser, em momento algum, revisão da matéria dada. Se a linguagem e o imaginário vicentinos vivem, é precisamente porque não se deixam reduzir a um objecto de conhecimento parado e arrumado no seu lugar. *Revisitar* seja jogar, brincar, fazer de conta. Profundamente. Tirar do seu lugar. Re-vicentar.